

## CRISTIANISMO NÃO DENOMINACIONAL: CRÍTICA À INSTITUCIONALIZAÇÃO DA IGREJA E SEUS MOVIMENTOS HISTÓRICOS<sup>1</sup>

Joilson Oliveira Santos Junior<sup>2</sup>

### Resumo

O aumento considerável de cristãos sem congregar em igrejas instituídas, tem chamado a atenção de estudiosos e da mídia tanto religiosa como não religiosa. Este artigo visa fazer um breve apanhado histórico sobre movimentos de crítica à institucionalização da igreja e traçar um paralelo com os atuais movimentos de secularização, que a princípio pode-se imaginá-los como inéditos mas, analisando-os com clareza, perceberemos a carência de ineditismo e de certa forma argumentos históricos e teológicos, traçando moldes na pós-modernidade, influenciando e sendo influenciada com muita força nesse último século.

### Palavras-chave

Cristianismo secular; Cristianismo não denominacional; Desigrejados; Nihilismo eclesiástico; Cristianismo arreligioso.

### Introdução

Após a pesquisa do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>3</sup> pode-se perceber em relação ao ano de 2000, um aumento significativo do número de brasileiros(as) que se intitulam “sem religião”. Certo de que a religião no Brasil está longe de ser uma massa homogênea, este movimento apresenta-se como uma opção para quem prefere uma expressão de comunidade que não esteja vinculada a uma denominação ou a dogmas e regras. A pesquisa do censo revela que esses, se enquadra no terceiro maior grupo religioso brasileiro representando 8,04% da população, somando em termos absolutos um total de 15.335.010 pessoas que se intitulam sem religião<sup>4</sup>. Tal fenômeno estimula as instituições e a academia a refletir sobre alguns assuntos, como por exemplo, qual é o perfil desse grupo? O que esses pensam sobre religião? Essas e outras perguntas serão respondidas no decorrer do artigo.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso, apresentado em forma de artigo, com o requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em teologia, faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo, sob a orientação do Prof. Dr. Valdir Stephanini.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Teologia da Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. Vibrasom2014@outlook.com

<sup>3</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010*. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro. IBGE. 2012.

<sup>4</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA *Estatísticas do censo 2010*. Disponível em <[https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia\\_tab\\_pdf.shtm](https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm)>. Acesso em: 02 jul. 2019.

Na pesquisa do censo IBGE 2010<sup>5</sup> observam-se três subgrupos contidos nos chamados “sem religião” o grupo dos que realmente não são vinculados a nenhum tipo de denominação, os agnósticos<sup>6</sup> e os ateus. Somente o grupo que não apresenta vínculo institucional, representa 95,15 % de todos os entrevistados pelo IBGE, chegando a um total de (14.595.979 indivíduos). Portanto esse número não aponta para um crescimento do ateísmo o que gera um sinal de alerta quanto ao crescimento desse grupo, assim podendo olhar para dentro das denominações de forma crítica e certo de que existe um rompimento crescente de indivíduos com as instituições e com a religião, quanto doutrina e crenças. Além disso é justo pensar que transformações rápidas, profundas e contínuas que acontecem na atualidade são propícias ao crescimento e disseminação do fenômeno dos sem religião.

A crise a institucionalização da igreja está longe de ser um movimento apenas moderno e tem suas raízes ainda na origem do cristianismo. Esse artigo visa fazer um breve apanhado histórico a respeito desses movimentos apontando algumas de suas características traçando um paralelo com os movimentos moderno, analisando assim a crise institucional em movimento, e novas abordagens a respeito do tema, levando em consideração autores de diferentes épocas e suas narrativas a respeito da secularização da igreja bem como as críticas a instituição.

### **1. Críticas à institucionalização da igreja**

O desencanto institucional com as igrejas cristãs e uma proposta de ruptura estão longe de se configurarem novidades na história da igreja. No decorrer de dois mil anos, diversos grupos manifestaram a discordância ou a insatisfação com a organização eclesial do cristianismo denunciando um desvio dos ensinamentos de Jesus Cristo e dos apóstolos, propondo assim uma forma mais simples de organização, sem foco na liturgia, no clero<sup>7</sup> ordenado e todo tipo de burocratização. Esses grupos de restauração se manifestaram de várias formas e em várias épocas. Se fará um breve apanhado de quais movimentos foram esses, tanto na história do cristianismo primitivo quanto aos movimentos atuais, apontando suas características e eventuais críticas à igreja institucional, entendendo o motivo a propor uma ruptura com a mesma. A identificação desses movimentos de repulsa a institucionalização

---

<sup>5</sup>INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <[https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia\\_tab\\_pdf.shtm](https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm)>. Acesso em: 02 jul. 2019.

<sup>6</sup> Entende-se por agnóstico aquele que acredita que não é possível ter um conhecimento pleno a respeito de Deus, por não conseguirmos conhecer a essência do divino, logo, impossível afirmar se existe, ou não.

<sup>7</sup> Entende-se por clero o conjunto de sacerdotes ou os responsáveis por um culto religioso.

ajudará a compreender que esse atual desencantamento com o cristianismo denominacional não é nada novo, permitindo assim, olhar o problema com mais equilíbrio e cuidado.

### 1.1 Críticas a igreja institucional na história do cristianismo

O primeiro movimento a ser abordado é o montanismo que surge na Frígia<sup>8</sup> em 155 d.C.<sup>9</sup>, por intermédio do Montano que foi um sacerdote pagão convertido ao cristianismo em meados do século II. Apesar de o movimento não possuir obras publicadas, algumas de suas características foram repassadas através dos pais da igreja no século II e de Eusébio de Cesareia no século IV que escreveu a respeito da história da igreja cristã.<sup>10</sup>

Montano rejeitava a crescente fé na autoridade especial dos bispos (como herdeiro dos apóstolos) e dos escritos apostólicos. Considerava as igrejas e seus líderes espiritualmente mortos e reenvidava uma “nova profecia” com todos os sinais e milagres dos dias ideais da igreja primitiva no pentecostes.<sup>11</sup>

Montano acreditava que a igreja estava morta espiritualmente, conforme o registro de Eusebio, proclamando ser contra as instituições que se faziam prevalecer na igreja e atraindo assim diversos seguidores ao seu movimento.<sup>12</sup>

“O polêmico religioso, junto com seus seguidores, fundaram congregações que funcionavam de forma paralela às igrejas cristãs acabando por criar uma certa rivalidade nas extensões do império Romano”<sup>13</sup>, ao ponto de a partir dos anos 160 haver duas congregações cristãs, sendo uma com a liderança de Montano e a outra na liderança eclesiástica de um bispo ligado à igreja oficial.<sup>14</sup> A indisposição de Montano com a igreja estava em não aceitar a autoridade do clero, por acreditar que tal autoridade acabava por restringir a liberdade do Espírito Santo na direção da igreja, chegando a considerar exagerada a ideia de que a voz de Deus só fosse reconhecida pela leitura das escrituras e assim, aprisionando o Espírito dentro de um livro. Vários foram os movimentos de crítica a institucionalização da igreja, entre eles o ebionismo<sup>15</sup>, o marcionismo,<sup>16</sup> e o gnosticismo<sup>17</sup> com a diferença de que esses movimentos

<sup>8</sup> Atual Turquia.

<sup>9</sup> CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 82.

<sup>10</sup> OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 30.

<sup>11</sup> OLSON, 1999, p. 30.

<sup>12</sup> OLSON, 1999, p. 30.

<sup>13</sup> OLSON, 1999, p. 31.

<sup>14</sup> OLSON, 1999, p. 31.

<sup>15</sup> Nome de uma ramificação do cristianismo primitivo que acreditava que Jesus não teria vindo para abolir a torá, e sim para cumpri-la.

<sup>16</sup> Seita religiosa cristã do século II, umas das primeiras a ser acusado de heresia.

<sup>17</sup> Movimento religioso desenvolvido nos primeiros séculos de nossa era a margem do cristianismo institucionalizado, combinando misticismo e especulação filosófica.

não se concentraram no questionamento eclesiológico como o montanismo, tornando assim, o movimento iniciado por Montano uma das primeiras manifestações de crítica à institucionalização da igreja.

Já no século IV, a igreja cristã era uma realidade institucional seguida de vários acontecimentos como a conversão de Constantino<sup>18</sup>, concílio de Niceia<sup>19</sup>, concílio de Catargo<sup>20</sup>, testemunhando também acirrados debates cristológicos que tiveram duração até o século V no concílio de Calcedônia.<sup>21</sup> Tais acontecimentos importantes para a história do cristianismo contribuíram para o fortalecimento de sua ortodoxia<sup>22</sup>, porém, nem por isso deixou-se de observar grupos descontentes e com ideias contrárias à institucionalização da igreja e ao interesse coletivo em desfrutar de todos os benefícios concedidos pelo imperador de Roma. A solução para os cristãos que não aceitavam a falta de vitalidade e espiritualidade características do cristianismo da época,<sup>23</sup> foi abandonar as igrejas em direção ao deserto mas não abandonar a fé cristã e sim a institucionalização, permitindo ao grupo usufruir de uma experiência mais próxima de comunhão com Deus e a prática de uma fé mais próxima do coração<sup>24</sup>.

Esses cristãos que optaram por abandonar a institucionalização e seguir em direção ao deserto, ficaram historicamente conhecidos como “os pais do deserto” ou “monges do deserto”<sup>25</sup>. Em meio a críticas, a igreja oficial na qual consideravam decadente os “pais do deserto”, ficaram anos sem comparecer aos cultos oficiais e tampouco se preocupavam em assistir a celebração da ceia.<sup>26</sup> O descontentamento era tão grande com o processo de institucionalização que os monges nem cogitavam a possibilidade de receber qualquer tipo de título ou funções por parte da igreja. Alguns desses monges do deserto chegaram inclusive, a ser ordenados sacerdotes contra a sua própria vontade.<sup>27</sup> Porém, com o passar do tempo, os monges começaram a fanatizar o movimento tornando-o intolerante, e até mesmo violento, se

---

<sup>18</sup> Possivelmente ocorrida em 27 de outubro de 312 d. C. Existem correntes de pensamentos distintas ao dado apresentado.

<sup>19</sup> Em 325 d. C.

<sup>20</sup> Em 397 d. C.

<sup>21</sup> Em 451 d. C.

<sup>22</sup> Entende-se como ortodoxia o sentido mais comum de uma doutrina ou sistema teológico implantado pela igreja como o único verdadeiro; Dogmatismo religioso.

<sup>23</sup> Opinião de alguns cristãos da época, nesse contexto os “pais do deserto” grupo no qual está sendo feita a abordagem.

<sup>24</sup> CAIRNS, 1995. p. 122.

<sup>25</sup> CAIRNS, 1995. p. 122-123.

<sup>26</sup> GONZALES, Justo L. *Uma história Ilustrada do Cristianismo: a era dos gigantes*. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 67.

<sup>27</sup> GONZALES, 2008. p. 67.

distanciando da ideia principal e inicial, não de forma majoritária, porém, ajudaram de certa forma a descaracterizar os monges.<sup>28</sup>

Outro movimento relevante a ser abordado é o Donatismo, Que dentre vários movimentos de desilusão com a instituição igreja a princípio não como ruptura definitiva, mas com tom de crítica, os donatistas se mostraram um grupo mais radical no que se refere a crítica institucional.<sup>29</sup> Movimento esse de ruptura radical com o cristianismo oficial do quarto século e ocorreu no norte da África, o termo Donatismo faz associação com o nome de Donato da Casa Negra<sup>30</sup>, líder do movimento por mais ou menos 40 anos.

Os donatistas diziam que a validade da ordenação dependida da dignidade do bispo. Ceciliano e os seus respondiam dizendo que a validade dos sacramentos não depende da dignidade de quem os ministra, pois nesse caso estaríamos constantemente em dúvida sobre se o nosso batismo é válido ou não, ou se estamos de fato recebendo a ceia, já que não é possível saber com certeza qual é o estado interior da alma do ministro que oferece esses sacramentos.<sup>31</sup>

Os donatistas não aceitavam o episcopado de sacerdotes que existia na época em que o império relativamente perseguia a alguns, relativizando a ordenação à dependência de uma dignidade rebatida através da igreja oficial da época. Além do problema com a ordenação, o movimento tinha outra característica que também contribuiu com a insatisfação e ruptura por parte dos donatistas com a instituição. Antes mesmo da conversão de Constantino<sup>32</sup>, a igreja em Cartago era formada por pessoas que eram de classe social baixa e que sofriam opressão imposta por um segmento, mais latinizado que existia na região e que mantinham ligações com o Império Romano. Com a conversão do imperador, elementos dessa banda latinizada que oprimiam os de classe social baixa, passaram a fazer parte da igreja oficial. Os conflitos internos logicamente, foram inevitáveis levando assim, uma ruptura significativa de pessoas com a acusação de corrupção, conivência e mundanismo.

Com o breve relato a respeito do movimento donatista podemos perceber que a ruptura com as instituições não se dava somente por fundo teológico e eclesiástico, mas também por fundo social, político e também econômico. Mesmo após a morte de Donato de Casa Negra ocorrido no ano de 356, o movimento se fez muito expressivo no norte da África, chegando até mesmo a se tornar maior do que a igreja oficial da região<sup>33</sup>. Portanto, em conclusão, os

---

<sup>28</sup> GONZALES, 2008. p. 68.

<sup>29</sup> Se faz necessária essas abordagens para desconstruir a ideia de que o movimento de desinstitucionalização que vivemos hoje, carece de ineditismo.

<sup>30</sup> GONZALES, 2008. p. 80.

<sup>31</sup> GONZALES, 2008. p. 81.

<sup>32</sup> 312 d.C.

<sup>33</sup> MCGRATH, Alister E, *Teologia Histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 89.

donatistas foram uma reação as circunstâncias produzidas pela conversão de Constantino, enquanto uns aceitaram as novas ordens sem nenhum questionamento, outros protestavam se retirando ao deserto como já abordado, ou simplesmente rompendo com a igreja alinhada ao império<sup>34</sup>. O movimento perdeu sua força após as invasões mulçumanas por aquelas bandas da África que os fizeram desaparecer com o tempo.

## 1.2 A crítica institucional em movimento

Levando em consideração a história da igreja e percebendo os movimentos que contrariaram a institucionalização do cristianismo, pode-se perceber frequentes formações de grupos cristãos na idade média que atuaram sobre esse tema. O sonho de uma igreja mais espiritual e destituída de qualquer tipo de materialidade atingiu o seu ápice pouco após a virada do segundo milênio quando populares e clérigos passaram a questionar doutrinas e práticas eclesiológicas que com o passar do tempo acabaram por serem cristalizadas, evidenciando assim o distanciamento dos ensinamentos de Jesus Cristo. Ensinamentos esses, considerados heréticos, vale ressaltar que esses grupos se diferenciavam daqueles que não aceitavam as doutrinas cristãs no início da era da igreja. Enquanto os que eram considerados hereges<sup>35</sup> no primeiro século se detiveram em debates teológicos de caráter metafísico, principalmente no campo da Cristologia, os ditos heréticos do século XII e XIII se concentraram mais em enfrentar as estruturas eclesiásticas questionando-as fortemente.<sup>36</sup>

Grupos contrários a forte institucionalização das igrejas que se formaram entre os séculos XII e XIII, possuíam críticas semelhantes com o atual grupo de desigrejados que estudaremos mais a frente, com algumas diferenças pontuais. Suas críticas foram direcionadas ao conceito vertical de igreja e sua forte hierarquização, declarando que a igreja verdadeira era tão somente a congregação dos fiéis e nenhum bem ou qualquer expressão de materialidade, isto é, apenas espiritual. Suas críticas visavam os clérigos que adquiriam dignidades, benefícios e acumulavam riquezas por meios simoníacos, desviando-se da religião dos evangelhos e da imitação da vida de Cristo e seus apóstolos.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> GONZALES, 2008. p. 86.

<sup>35</sup> Usaremos o conceito mais comum de heresia (do grego *hairesis* = escolher) uma interpretação diferente da dogmática católica oficial.

<sup>36</sup> FALBEL Nachman. *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 13.

<sup>37</sup> FALBEL, 1976. p. 26-27.

Alguns grupos também rejeitavam o pedobatismo<sup>38</sup>, a cruz como símbolo legítimo do cristianismo e a eucaristia do significado teológico da missa,<sup>39</sup> até mesmo rompendo com a igreja católica por volta de 1125. Muitos foram os movimentos ao longo da história da igreja que propuseram um rompimento parcial ou total com a instituição, encontrando seu marco na reforma protestante<sup>40</sup> que tem como representante principal Martinho Lutero. A fé cristã histórica e a experiência eclesial sofreu ao longo de sua história diversos questionamentos como observado nos capítulos anteriores.

No contexto atual, o que mais impressiona é o fato de que os ataques em sua maior parte não são feitos por intelectuais ou céticos que se encontram fora das fronteiras da cristandade, mas sim por cristãos que fazem parte ou já fizeram de alguma igreja cristã. Entre as diversas razões para essas críticas estão as denúncias de prejuízos causados a fé cristã devido a institucionalização da igreja e também com promessas feitas em nome de Deus que nunca se cumpriram, além de práticas e ensinamentos questionáveis ministrados em ambientes eclesiais e também a não aceitação de maus exemplos das lideranças.<sup>41</sup> Um desses movimentos da atualidade, ao contrário do que se possa imaginar não é amorfo e sim muito bem organizado.

O movimento tem sido chamado por alguns teólogos de Desigrejados e sua performance tem chamado atenção da imprensa cristã e também secular pela sua organização, possuindo literaturas, sites, e toda uma teoria para justificar teologicamente o movimento. Alguns dos seus argumentos básicos são de que Cristo não tenha deixado nenhuma forma de igreja institucional, podendo ser observados com mais clareza em literaturas atuais a respeito do tema.<sup>42</sup> Para os Desigrejados, já nos primeiros séculos os cristãos se afastaram dos ensinamentos de Jesus Cristo organizando-se como instituição, criando assim estruturas e ofícios para substituir os carismas, elaborando assim hierarquias para proteger a própria instituição.<sup>43</sup> A igreja verdadeira não teria templos, cultos regulares, ofertas, dízimos, clero oficial, rol de membros, nem escola e nem seminários. A igreja como organização humana tem falhado e caído em muitos erros, pecados, escândalos e prestado um desserviço ao evangelho.<sup>44</sup> Tais críticas às igrejas institucionais, não acontecem somente no Brasil, mas também dos Estados

---

<sup>38</sup> Batismo de crianças.

<sup>39</sup> FALBEL, 1976. p. 27.

<sup>40</sup> 1517.

<sup>41</sup> (Pastores, bispos e apóstolos).

<sup>42</sup> CAMPOS, Idauro. *Teoria, História e Contradições do Nihilismo Eclesiástico*. Rio de Janeiro: Bvbooks, 2017. p. 27.

<sup>43</sup> CAMPOS, 2017. p. 27.

<sup>44</sup> CAMPOS, 2017. p. 28.

Unidos de onde inclusive encontramos publicações mais contundentes sobre o tema,<sup>45</sup> e que contribuem inclusive no que se refere a literatura base para o movimento atual no Brasil visto a relevância dos autores norte-americanos.

Um dos representantes desse movimento atual de crítica a instituição é Frank Viola, escritor norte-americano que escreveu um best-seller com milhares de exemplares vendidos.

Mas o cristianismo moderno também é culpado de cometer o erro dos Fariseus. Ou seja, o cristianismo moderno agregou um monte de tradições humanamente concebidas que acabaram suprimindo a direção funcional, real e vivificante de Jesus Cristo enquanto cabeça da sua Igreja. Dessa forma, tanto os Fariseus como os Saduceus nos ensinaram uma lição muitas vezes esquecida: É tão nocivo diluir a autoridade da palavra de Deus por adição como supressão. Violamos as escrituras tanto ao enterra-las sob uma montanha de tradição humana, como ao ignorar os seus princípios.<sup>46</sup>

O autor já no começo do livro tece fortes críticas ao cristianismo moderno comparando com o judaísmo antigo e seus diferentes grupos, que foram muito criticados por Jesus Cristo, causando um rompimento até o surgimento da religião cristã. Para o autor Frank Viola, a consolidação do conceito de lugar sagrado dentro do cristianismo, se dá com a controvertida conversão do imperador Constantino alegando que os cristãos não construíram lugares sagrados ou templos antes da era de Constantino no século IV. A influência de Constantino mudou a direção das reuniões cristãs das casas para os templos o que, na opinião do autor, é uma aberração.<sup>47</sup>

Alguns estudiosos da eclesiologia acreditam que a atual ênfase nas igrejas caseiras é a expressão de uma terceira reforma da igreja<sup>48</sup>, considerando que a reforma protestante<sup>49</sup> foi apenas uma reforma teológica com a justificação pela fé como ênfase nos Pietistas<sup>50</sup>, que reformaram a espiritualidade focando em um relacionamento mais íntimo com Jesus Cristo. Entretanto, a terceira reforma seria das estruturas eclesiásticas, dos templos, dias específicos de culto, ministério ordenado e outras características que perduraram até hoje. O movimento dos Desigrejados por sua vez, não é uniforme e nem tem um único líder ou representante, porém, a necessidade de abordagem se faz necessária visto que é um movimento que cresce em passos largos e que apesar de vermos que não se trata de algo inédito, muitas vezes

<sup>45</sup> “Revolução” e “Cristianismo Pagão” por exemplo.

<sup>46</sup> VIOLA, Frank. *Cristianismo Pagão: A origem das práticas de nossa igreja moderna*. 2005 (pdf). (s.l:s.n). p. 6. Versão pdf traduzida para o português e amplamente encontrado na internet.

<sup>47</sup> VIOLA, 2005. p. 49-50.

<sup>48</sup> SIMSON, Wolfgang. *Casas que transformam o Mundo*. Curitiba: Evangélica Esperança, 2001. p. 10.

<sup>49</sup> Século XVI.

<sup>50</sup> Século XVII.

reivindica um ineditismo histórico que foge muito da realidade quando analisados com mais dedicação.

## 2 Crise de pertencimento na sociedade contemporânea

Conscientemente ou não, o movimento atual de desigrejados, sofre fortes influências do pós-modernismo, sendo algumas de suas características o relativismo, o pluralismo e a crise de pertencimento. O relativismo pós-moderno questiona o conceito de que ideias e normas possam ser absolutas; já no pluralismo existe a contemplação e glorificação da diversidade, enquanto ao pertencimento, é descartável pois não há pertencimento comunitário em uma sociedade individualizada e privatizada como se verifica na pós-modernidade.<sup>51</sup> Será abordado nesse tópico justamente essa relação entre a modernidade e a crise de pertencimento, identificando as características dos que se inserem nesse contexto.

Na pós-modernidade parece surgir um indivíduo autônomo, privado, confinado em um mundo próprio e incapaz de conseguir se adequar em qualquer outro tipo de padrão que não seja o seu. No aspecto religioso que é a área de interesse desse artigo, esse censo de pertencimento a algo vem desaparecendo de forma rápida. A pesquisadora francesa Daniele Hervieu-Leger, doutora em sociologia e especialista nos estudos sobre religião, analisa o fenômeno da perda de densidade religiosa trazendo uma reflexão sobre a modernidade religiosa e suas relações com a ruína da crença e a desregulação da religião.

As crenças se disseminam. Conformam-se cada vez menos aos modelos estabelecidos. Comandam cada vez menos as práticas controladas pelas instituições. Tais tendências são os maiores sintomas do processo de “desregulação” que caracteriza o campo religioso institucional no final do século XX. Se a crença e a pertença não “mantem” mais, ou mantem cada vez menos unidos, é porque nenhuma instituição pode, de forma permanente em um universo moderno caracterizado tanto pela aceleração da mudança social e cultural como pela afirmação da autonomia do sujeito, prescrever aos indivíduos e a sociedade um código unificado de sentidos, e menos ainda, impor-lhes a autoridade de normas que dele decorrem. Porque nenhuma delas escapa do confronto com o individualismo; não há nação no ocidente que esteja isenta dos efeitos da contradição crescente entre afirmação do direito individual a subjetividade e os sistemas tradicionais de regulamentação da crença religiosa.<sup>52</sup>

A pesquisadora deixa claro que com a disseminação das crenças, cada vez menos as instituições tem o poder de controlar as práticas, esse seria um dos maiores sintomas do processo de desregulação que caracteriza o campo no religioso na modernidade. Desta

---

<sup>51</sup> CAMPOS, 2017. p. 177.

<sup>52</sup> HERVIEU-LEGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Rio de Janeiro, 2008. p. 50.

maneira, não tem como escapar do confronto do individualismo e da subjetividade que influenciam diretamente na regulamentação religiosa. Uma questão decisiva que se coloca, e que ainda hoje está longe de ter uma resposta, é se existe a possibilidade de reconhecer a pluralidade e a singularidade dos arranjos do crer, sem abrir mão de tornar inteligível o fato religioso como tal?<sup>53</sup> Não se pode olhar o contexto sociológico com o objetivo de isolar a religião das afetações da modernidade e das mudanças que lhe são impostas, observando assim, fatos inesgotáveis que lhe são apresentados no decorrer da história. Acontece que na modernidade houve um engessamento da dimensão religiosa, privando da aproximação com outras dimensões como a ética, a cultura, a família, a política, entre outras.

Dessa maneira pode-se observar dois cenários distintos, onde um seria o tradicional, de forma que a cultura e a religião se confundem e por outro lado a modernidade, que expressa uma religiosidade flutuante que por fim não se adequa a religiões pautadas no antigo modelo. A secularização das sociedades modernas não se resume apenas ao processo de perda social e cultural da religião com o qual ela é confundida muitas vezes, ela combina de maneira complexa a perda de influência dos grandes sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica sua plena capacidade de se auto orientar, assim traçando o seu destino sob novas formas de representações religiosas que permitam a essa sociedade agora se pensar como autônoma.<sup>54</sup>

Como transmitir uma identidade religiosa de uma geração para a outra nesse contexto em que as crenças são rapidamente disseminadas? A transmissão regular das instituições e dos valores de uma geração não necessariamente garantem a sua sobrevivência no tempo. Se faz necessário saber que a consciência e a rápida mutação inerente da modernidade e da fluidez religiosa, sejam igualmente reavaliadas e transformadas no campo religioso, e não tão somente cristalizados e exigidos como verdade e única. A crise de pertencimento na modernidade pode ser trabalhada de forma mais clara quando se entende que a religiosidade da sociedade moderna está em movimento e é justamente este movimento que precisa ser identificado e avaliado.

Distinguir o religioso a partir do movimento, é uma tarefa muito difícil e que Hervieu-Leger contribui fazendo uma abordagem diferenciada usando como analogia à figura do peregrino e o convertido. Tarefa difícil porque a figura por excelência do homem religioso sobre tudo no contexto cristão, continua a ser de uma figura estável e claramente identificada do “praticante”. Em referência a essa figura é que geralmente elaboramos com mais

---

<sup>53</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 22.

<sup>54</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 37.

frequência a descrição da paisagem e da característica religiosa.<sup>55</sup> Este tipo de intensidade de prática, não pode servir para nortear a intensidade da crença, visto que se sabe muito bem que existe o crente não praticante, que não está incluído nessa tabela de pertença. Mas ela ainda serve para nortear a ideia do “praticante regular”, o fiel observante que conforma o ritmo da sua vida as obrigações culturais que são fixados pela igreja.<sup>56</sup> Esse modelo de praticante revela a realidade de um mundo diferente onde a capacidade de influência da igreja sob a sociedade, bem como sobre os seus próprios membros já passam a ser questionadas. O praticante regular por sua vez é a referência utópica de um mundo religioso já completo e que tende a ser defendido contra a concorrência das outras religiões, mas sobretudo, a ser conquistado ou reconquistado ante as ondas de poder da secularização que minam a autoridade social da instituição.<sup>57</sup>

O praticante regular chamado é conceituado pela a autora de “peregrino”, pode parecer em uma abordagem mais simples algo que seja proveniente da secularização e da modernidade, sendo assim, pode-se imaginar como um dos fatos para o atual momento religioso e das críticas institucionais. Porém, a ideia da analogia entre o peregrino e o convertido é de justamente diferenciar crença e pertença, que são totalmente distintas.

A figura que parece melhor cristalizar a mobilidade, característica de uma modernidade religiosa construída a partir de experiências pessoais, - é juntamente com a do “convertido” que falaremos no capítulo seguinte – a do “peregrino”. Associar modernidade com peregrinação pode parecer surpreendente; o peregrino, na história religiosa, aparece, de fato, bem antes do praticante regular. Ele perpassa a história de todas as grandes religiões. A peregrinação não é uma característica específica do cristianismo, como também sua prática é atestada desde os primórdios.<sup>58</sup>

Ainda que pareça que a fluidez religiosa seja exclusivamente inerente a modernidade, pode-se ver que antes mesmo do praticante regular, já havia a ideia do “peregrino perpassando a humanidade. É importante compreender que a história passada não muda, sendo necessário assim a adequação da religião à modernidade e não o contrário. A princípio, o peregrino encarna uma forma extremamente antiga e perene da religião e da sociabilidade religiosa. E se atentarmos somente para o seguimento cristão, é fácil identificar que através de várias ondas

---

<sup>55</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 81.

<sup>56</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 81.

<sup>57</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 82.

<sup>58</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 87.

de peregrinação, como já abordado nesse artigo, esta figura do peregrino em movimento, marcou as principais questões de todas as grandes passagens da história cristã.<sup>59</sup>

Necessário para o entendimento da movimentação religiosa e de sua fluidez em específico no século XX, a imagem do convertido, que está no contra ponto da ideia da autora Hervieu-Leger a respeito do peregrino e as diferenças entre pertença e crença. Se o peregrino pode servir de emblema de uma modernidade religiosa que é caracterizada pela mobilidade. A figura do convertido por sua vez, é sem dúvida aquela que oferece a melhor perspectiva para a identificação do processo de formação das identidades religiosas nesse contexto de mobilidade.<sup>60</sup>

A figura do “convertido” não é homogênea e pode ser entendida dentro de 3 características distintas, a primeira delas é a figura do indivíduo que “muda de religião”<sup>61</sup> seja por rejeitar expressamente uma identidade religiosa que lhe foi herdada e assumida ou até mesmo para adotar uma nova religião. A passagem de uma religião para a outra chama a atenção pelo fato de proporcionar no momento da conversão em uma nova comunidade, relatos geralmente de decepção que a princípio, não devem ser considerados de forma a denegrir a imagem precedente da ruptura decisiva com a antiga pertença. Não se deve subestimar os fatos da mudança de religião, pois dizem respeito a um protesto sócio religioso de um indivíduo em busca de uma nova intensidade espiritual, portanto, muito importante e no mínimo passível de reflexão.

A segunda modalidade de “ conversão” é a do indivíduo que não tendo nunca pertencido a qualquer tradição religiosa, descobre a partir de um caminho pessoal mais ou menos longo, tal tradição na qual se reconhece e na qual decide finalmente integrar-se.<sup>62</sup> Essa conversão dos “sem religião, indivíduo de pesquisa desse artigo, tende a se multiplicar nas sociedades secularizadas onde a transmissão religiosa familiar é consideravelmente precária. A figura do convertido, na qual se inserem traços de uma religiosidade em movimento é antes de tudo de alguém que está em uma busca espiritual, cuja muitas vezes o percurso até a conversão é longo e cheio de percalços, se estabilizando ainda que temporariamente em uma filiação comunitária que traz uma identificação pessoal, social e também religiosa. O entendimento dessa classe de convertido, é muito importante, pois é o mesmo indivíduo que poderá ser trabalhado em cima de uma nova perspectiva de movimentação religiosa em um mundo moderno.

---

<sup>59</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 87.

<sup>60</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 107

<sup>61</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 109

<sup>62</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 110

A terceira modalidade de figura do “convertido” é a do “re-afiliado”, do convertido dentro: é aquele que percebe uma identificação religiosa até então formal ou com uma vivência mínima de maneira conformista. De maneira geral a “conversão de dentro” não significa apenas o reforço ou a intensificação de uma identidade religiosa que até então se fazia moderadamente, ela é um modo específico de construção de identidade que implica de uma forma ou de outra, no questionamento de um regime frágil de pertença religiosa de um indivíduo que leva algum tempo para conseguir uma identificação com a instituição.

Reconhecer o caráter exemplar da figura do convertido para evidenciar a dimensão escolhida da identidade religiosa em uma sociedade de indivíduos não significa, evidentemente, que se possa ignorar que esta figura do convertido perpassa a história de todas as tradições religiosas. Em todas as épocas, “grandes convertidos” ilustraram a experiência da reapropriação pessoal intensiva de sua própria tradição religiosa ou da entrada em uma outra tradição, reconhecida, geralmente, como aquela que se havia sempre desejado ter abraçado. O relato de sua conversão, feito por Santo Agostinho, fornece no contexto cristão, um modelo narrativo notavelmente significado dessa experiência. É praticamente impossível entender, aqui, qualquer colocação em perspectiva histórica dos movimentos de conversão. Mas é necessário se quisermos captar o cerne daquilo que constitui a especificidade do impulso contemporâneo das conversões, ter em mente essa continuidade dos eventos da conversão.<sup>63</sup>

Para Hervieu-Leger o momento da conversão é muito importante e perpassa toda a história das religiões e não tão somente a do cristianismo. Importante no sentido de que o fator da conversão, ajuda a captar o centro do que se constitui o impulso do ato de se converter, assim permitindo fazer uma relação dessa conversão com a contemporaneidade, propondo assim uma continuidade desse evento a fim de tornar a experiência religiosa algo mais agradável.

### **.3. Novas abordagens e práticas: religião em movimento.**

Muitos foram os teólogos que ao longo da história propuseram algum tipo de reformulação da estrutura eclesial no cristianismo com críticas diversas. Dentre esses, o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer<sup>64</sup> ainda que de forma incompleta, se destacou e sua teologia continua sendo muito relevante para a análise do momento atual. Este capítulo se propõe a analisar a relação da teologia de Bonhoeffer com o atual cenário de secularização, e a interação dessa teologia com outras fontes, a fim de direcionarmos a ideia de um cristianismo não denominacional a outro nível de abordagem, o nível da proposição de ideias.

<sup>63</sup> HERVIEU-LEGER, 2008, p. 113-114.

<sup>64</sup> Por ter participado da Resistência Alemã e ser um dos fundadores da igreja Confessante, ala evangélica da igreja Luterana que se opunha ao Nazismo de Adolf Hitler, foi perseguido, capturado e preso em 05 de abril de 1943 e enforcado em 09 de abril de 1945, sob a acusação de participar do atentado contra a vida de Adolf Hitler.

Confinado em uma prisão em Tegel<sup>65</sup> e preso por conspiração contra o regime nazista, o teólogo e pastor luterano Dietrich Bonhoeffer, escrevia frequentes cartas para amigos e familiares, expressando nelas reflexões e conclusões teológicas, assim como também, sobre o futuro e a relevância do cristianismo no mundo no século XX.<sup>66</sup>

Bonhoeffer foi executado em 1945 enforcado, acusado de traição ao regime Nazista, porém, antes mesmo de morrer já possuía uma vasta e relevante literatura e dentro da prisão escreveu mais de 200 cartas<sup>67</sup> tratando de diversos temas e dentre eles, a relevância do cristianismo no mundo contemporâneo, criticando as formas em que sua mensagem era apresentada e propondo alternativas que superassem a dificuldade da sociedade em absorver seu conteúdo. A proposta seria de um cristianismo arreligioso<sup>68</sup> como a solução a crescente secularização da sociedade ocidental.

O século XX presenciou o fenômeno da perda gradual do a priori religioso das pessoas, que é caracterizado pela predisposição pessoal em tomar consciência de seu eu e da necessidade de conhecer de perto o Sagrado, ou ainda, poderia se falar em um sentimento de dependência de Deus, tendência que segundo Bonhoeffer está desaparecendo.<sup>69</sup>

Foi se o tempo em que se podia dizer isso para as pessoas por meio de palavras-sejamos teológicas ou piedosas; passou igualmente o tempo da interioridade e da consciência moral, ou seja, o tempo da religião de maneira geral. Rumamos para uma época totalmente arreligiosa; as pessoas sendo como são, simplesmente não conseguem mais ser religiosas. Também aquelas que sinceramente se dizem “religiosas” de modo algum praticam o que dizem.<sup>70</sup>

O teólogo alemão deixa claro a percepção de um cristianismo arreligioso e de que as ações já não coincidem mais com as palavras, um cristianismo falado, porém, não vivido, frutos da modernidade e da relativização das ideias. Qual seria então o futuro de um cristianismo em uma sociedade sem o sentimento de dependência transcendental? Como falar de uma fé onde seus contornos foram modelados à luz de valores religiosos que com a era moderna, foram superados se tornando inexistentes? Apesar de não ter sobrevivido para responder objetiva e concretamente a esta importante questão apresentada por ele e que consumia boa parte de seu tempo<sup>71</sup>, pode-se concluir que a esperança é de que novos formatos

---

<sup>65</sup> Noroeste de Berlim, capital da Alemanha.

<sup>66</sup> CAMPOS, 2017, p. 129

<sup>67</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Resistencia e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Paulo: Sinodal, 2003

<sup>68</sup> BONHOEFFER, 2003, p. 370-374.

<sup>69</sup> BONHOEFFER, 2003, p. 374.

<sup>70</sup> BONHOEFFER, 2003, p. 369.

<sup>71</sup> BONHOEFFER, 2003, p. 374.

de cristianismo surgissem para atingir os que não compreendem, ou os que não se adequam a vestimenta do cristianismo.

Apesar de ser estereotipado por muitos como teólogo liberal, Bonhoeffer não propõe uma ruptura definitiva com a instituição, até mesmo pelo simples fato de ter sido um pastor. Ele sugere uma reflexão sobre as categorias cristãs como os conceitos de igreja, comunidade, pregação e liturgia. O cristianismo arreligioso foi uma ousada proposta do teólogo diante daquilo que se considerava uma realidade em decadência que é a religiosidade cristã ocidental, entretanto, a socióloga Daniele Hervieu-Leger em sua analogia entre o “peregrino” e o “convertido” mostra na imagem dos dois indivíduos, importantes reflexões a respeito de características que ajudam a nortear e entender a pluralidade religiosa, não se movimentando somente da sociedade para a instituição, mas entendida como um fenômeno de mão e contramão, propondo reflexões, transformações e adaptações, o que não é demérito nenhum por parte da instituição.

Não é surpreendente então que a figura do convertido tenda do lado das instituições religiosas, a se impor como modelo de crente. Na medida em que o contexto da secularização corrói as formas conformistas da participação religiosa, já desqualificadas pela valorização moderna da autonomia individual, a conversão é associada mais do que nunca, a ideia de intensidade e de engajamento religioso, que confirmaria a autenticidade de escolha pessoal do indivíduo.<sup>72</sup> Desse ponto de vista, as instituições religiosas não se contentam por valorizar a figura do convertido, em tomar ato do fato de que a pertença religiosa não constitui mais nas sociedades modernas uma dimensão normal e imperativa de identidade individual, ao contrário, veem na regularidade e intensidade religiosa a única maneira de se resistir a ascensão da indiferença religiosa, fato que se caracteriza um equívoco.

A liberdade religiosa não tem como ser reivindicada como um direito absoluto, se não na medida em que essa reivindicação ateste em absoluto a sua conformidade aos direitos humanos em sua totalidade. Pouco importa saber se o grupo que invoca a liberdade institucional seja ela qual for, possui um título de religioso ou não, o que realmente importa é se essas reivindicações geram um conjunto de bons valores característicos dos ensinamentos do cristianismo e que de tal forma, não serviram para medir a intensidade movimentação religiosa, mas sim a qualidade do movimento em consonância com os ensinamentos do mestre Jesus Cristo.

---

<sup>72</sup> HERVIEU-LEGER, 2008. p. 129-130

**Referências**

- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 1980.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistencia e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CAMPOS, Idauro. *Teoria, História e Contradições do Nihilismo Eclesiástico*. Rio de Janeiro: Bvbooks, 2017.
- FALBEL Nachman. *Heresias Medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GONZALES, Justo L. *Uma história Ilustrada do Cristianismo: a era dos gigantes*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- HERVIEU-LEGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Rio de Janeiro, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro. IBGE. 2012.
- MCGRATH, Alister E, *Teologia Histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- VIOLA, Frank. *Cristianismo Pagão: a origem das práticas de nossa igreja moderna*. 2005.
- OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- SIMSON, Wolfgang. *Casas que transformam o mundo*. Curitiba: Evangélica Esperança, 2001.